



ORIENTE MÉDIO

O premiê israelense, Benjamin Netanyahu, ordenou ataques à Faixa de Gaza após acusar o movimento Hamas de violação do cessar-fogo. Transporte de ajuda humanitária foi temporariamente suspenso

Trégua por um fio

O décimo dia do cessar-fogo na Faixa de Gaza foi marcado por intensos bombardeios israelenses no enclave palestino, evidenciando a fragilidade de implementação do plano de paz do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, no Oriente Médio. O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu determinou a realização dos ataques após acusar o movimento islamista Hamas de “violação do cessar-fogo”. A trégua foi restabelecida horas depois, segundo o governo de Israel.

O Exército foi instruído a agir “com força” contra os “terroristas” em Gaza. O ministro da Defesa, Israel Katz, advertiu que o Hamas pagaria “um preço alto” pelos disparos contra seus soldados. Segundo uma autoridade do Estado israelense, o transporte de ajuda humanitária para a Faixa de Gaza foi suspenso “até novo aviso”.

“Os terroristas lançaram mísseis antitanque e abriram fogo contra as forças Tsahal (as tropas israelenses), que atuavam para destruir infraestruturas terroristas na zona de Rafah, segundo as condições do acordo”, afirmou o Exército, em um comunicado. “Para neutralizar a ameaça, Israel efetuou ataques aéreos e disparos de artilharia na zona de Rafah”, acrescentou a nota militar.

Buscas

Por sua vez, o Hamas reafirmou o compromisso de respeitar o cessar-fogo, mas advertiu que o agravamento da tensão “prejudicaria as operações de busca e recuperação dos corpos”. “É a ocupação sionista que segue violando o acordo”, declarou Izzat al-Rishq, membro do gabinete político do movimento islamista. Pouco depois, o grupo anunciou ter encontrado o corpo de mais um refém israelense.

AFP



Prédio no campo de refugiados de Bureij, no centro do enclave palestino, é atingido por bombas lançadas pelo Exército de Israel

Segundo o Exército israelense, dois soldados morreram em combates no sul da Faixa de Gaza, durante a violação da trégua. A Defesa Civil do enclave, governado pelo Hamas, informou que ao menos 33 pessoas morreram vítimas dos ataques aéreos.

Sob pressão do presidente norte-americano, a trégua entrou em vigor em 10 de outubro, após dois anos de uma guerra devastadora no território palestino, desencadeada por um ataque sem precedentes do Hamas em 7 de outubro de 2023 ao território de Israel.

Como estipulado na primeira fase do acordo, o grupo islamista entregou, na segunda-feira passada, os 20 reféns vivos que ainda estavam em Gaza, em troca de quase 2 mil prisioneiros palestinos. No mesmo dia, começou a devolver os restos mortais dos sequestrados que morreram em cativeiro.

Os confrontos de ontem aconteceram no momento em que Netanyahu mantinha reuniões com parte de seu gabinete. Alguns ministros reagiram imediatamente, como o titular das Finanças, Bezalel Smotrich, que escreveu “Guerra!” na rede social X.

Reféns

Algumas horas antes dos ataques, Israel anunciou a identificação dos dois corpos de reféns entregues no sábado pelo Hamas: o repórter fotográfico Ronen Engel e o tailandês Sonthaya Oakkharasri.

Israel voltou a afirmar que não fará “nenhuma concessão” e que condiciona a reabertura da passagem de fronteira de Rafah, entre Gaza e o Egito, à entrega de todos os que foram mortos no cativeiro. Até o momento, o Hamas devolveu os restos mortais de 12 dos 28 reféns mortos.

As agências humanitárias e as Nações Unidas insistem na necessidade de abertura da passagem de Rafah, essencial para transportar ajuda ao território palestino. Nos próximos dias, o enviado de Trump, Steve Witkoff, visitará a região para supervisionar a aplicação do acordo.

Os dois anos de guerra deixaram mais de 67,9 mil mortos no enclave palestino, em sua maioria civis, segundo os números do Ministério da Saúde de Gaza, considerados confiáveis pela ONU. As autoridades locais calculam que há quase 10 mil cadáveres sob os escombros.

MUSEU DO LOUVRE

Ladrões roubam joias da realeza

» PALOMA OLIVETO

O roteiro é digno de filme: por volta de 9h30 de uma nublada manhã parisiense, um elevador mecânico montado na carroceria de um caminhão é acionado, sem chamar atenção. Usando esse transporte, ladrões chegam a uma varanda, cortam a vidraça e, calmamente, entram no Louvre, o museu mais visitado do mundo. Sete minutos é o tempo de que precisam para saquear duas vitrines da Galeria de Apolo, onde estão guardados os maiores tesouros da monarquia francesa. Sem ferir ninguém, vão embora de moto, levando com eles joias de valor inestimável.

A ação, investigada pelo Ministério Público de Paris, parou o 1º arrondissement da capital francesa, onde o Louvre ocupa uma área de mais de 70 mil metros quadrados às margens do Rio Sena. Em entrevista ao canal TF1, a ministra da Cultura francesa, Rachida Dati, contou que as imagens internas mostram a quadrilha — provavelmente formada por quatro pessoas — usando máscara e destruindo as vitrines com uma pequena motosserra. Segundo Dati, os ladrões, que agiram com tranquilidade, parecem ser muito experientes.

Foram levadas nove peças da icônica galeria, mas uma delas, a coroa da imperatriz Eugênia, mulher de Napoleão III, caiu durante a fuga. Decorado com 1.354 diamantes e 56 esmeraldas, o objeto

AFP



Policiais em frente à pirâmide que dá acesso ao museu: experientes, criminosos conheciam bem o local

AFP



A coroa da imperatriz Eugênia caiu durante a fuga e foi recuperada

foi encontrado perto do Louvre danificado e, segundo o Ministério da Cultura, peritos avaliam seu estado.

Macron

Entre os itens roubados, todos do século 19, está uma tiara da imperatriz com cerca de 2 mil diamantes. Também foi levado um colar de Maria Luísa da França, a terceira filha de Luis XV, feito com 32 esmeraldas e 1.138 diamantes. “Vamos recuperar as obras e os autores serão levados à Justiça”, prometeu na rede X o presidente francês, Emmanuel Macron.

A dourada Galeria de Apolo é uma das mais famosas do Louvre, museu que recebeu 9 milhões de visitantes no ano passado, sendo 80% deles vindos do exterior. O espaço, cuja decoração foi encomendada por Luís XIV, abriga peças como pedras da coroa do Rei Sol. Também há joias que Napoleão Bonaparte deu de presente à imperatriz Maria Luísa e diamantes célebres, incluindo o Régent, que tem 140 quilates e tem valor estimado de US\$ 60 milhões (mais de R\$ 324 milhões).

Obras

Segundo o ministro do interior francês, Laurent Nuñez, os ladrões se aproximaram do museu pelo lado de fora, em uma área onde estão sendo realizadas obras. Em entrevista à rádio Inter, Nuñez destacou que a equipe havia “claramente explorado o local” anteriormente.

Esse não foi o primeiro roubo do Louvre. Em 1911, a peça mais visitada do museu, a pintura *Monalisa*, de Leonardo da Vinci, foi levada e recuperada meses depois. Recentemente, instituições francesas têm sido alvo de furtos, expondo possíveis falhas nos sistemas de proteção. Segundo o Ministério da Cultura, ontem, o alarme da Galeria de Apolo foi acionado, e um grupo de segurança chegou a se aproximar, mas os criminosos os teriam ameaçado antes de fugir.

BOLÍVIA

AFP



Eleição do senador marca a volta da direita ao poder

Rodrigo Paz é o novo presidente

Após duas décadas, a Bolívia volta a ter um presidente de direita. Herdeiro de uma influente dinastia política do país, Rodrigo Paz derrotou o ex-presidente liberal Jorge Quiroga, segundo o Sistema de Resultados Preliminares (SIREPRE). Com 98,2% dos votos contabilizados, Paz tinha 54,3% dos votos à frente dos 45% do adversário.

O filho do ex-presidente Jaime Paz Zamora (1989-1993) venceu em seis dos oito departamentos bolivianos, consolidando o favoritismo do primeiro turno, em 17 de agosto, quando obteve 32,44% dos sufrágios. O novo presidente assumirá a missão de recuperar uma economia em crise.

Economista, 58 anos, Rodrigo Paz não é um novato na política. Foi deputado, prefeito e atualmente é senador por Tarija, um departamento rico em gás e petróleo, berço de sua família.

O presidente eleito nasceu na Espanha, país do qual também tem a nacionalidade, e passou a infância na Argentina, Chile, Peru, Venezuela e Panamá, entre outros. A faceta de viajante foi retomada durante a campanha eleitoral. Paz percorreu centenas de municípios da Bolívia em cinco anos. “Não sou um candidato há apenas seis meses”, afirma.

A votação de ontem é o desfecho de uma era de governos de esquerda, iniciada por Evo Morales, em 2006, e que será encerrada por seu sucessor e hoje adversário, Luis Arce. Um ciclo que passou da bonança proporcionada pela nacionalização do gás à queda dramática da produção que praticamente secou a fonte de divisas.

Impedido de concorrer às eleições, Morales, que governou o país por três vezes, fez campanha pelo voto nulo. Mesmo foragido, ele deixou seu esconderijo em uma região cocaleira, ontem, para votar em um vilarejo em Chapare, em Cochabamba. Morales é acusado de envolvimento em um caso de tráfico de menor de idade, o que ele nega.

O desafio do futuro presidente será grande. Sem dólares ou combustíveis, a Bolívia convive com uma inflação que ultrapassa os 23%. Hoje são comuns as longas filas nos postos de gasolina ou para se abastecer de arroz ou óleo subsidiados na pior crise em quatro décadas enfrentada por esse país de 11,3 milhões de habitantes, rico em lítio.

“Há um desespero, a maioria das pessoas vive do dia a dia. Aqui, não vai dar em nada bom”, diz Pamela Roque, instrumentadora cirúrgica de 29 anos que está considerando emigrar pela falta de emprego. “Com qualquer uma das duas (propostas), se não derem soluções rápidas, o custo social e o risco” de protestos “serão altos”, diz à Lúcia A cientista política Ana Lucia Velasco.

Colômbia

Também ontem, em meio às tensões com a Venezuela, os Estados Unidos anunciaram que vão retirar sua ajuda financeira ao governo colombiano de Gustavo Petro, chamado de “líder narcotraficante” pelo presidente Donald Trump.